

FOI VOCÊ QUE PEDIU UM HOMEM-A-DIAS?

VISÃO

Nº 299 · 10 A 16 DE DEZEMBRO

1998 · 400\$00

José Saramago é motivo de orgulho para Portugal. O Nobel da Literatura é, porém, um escritor polêmico, que ainda não desistiu de mudar o mundo



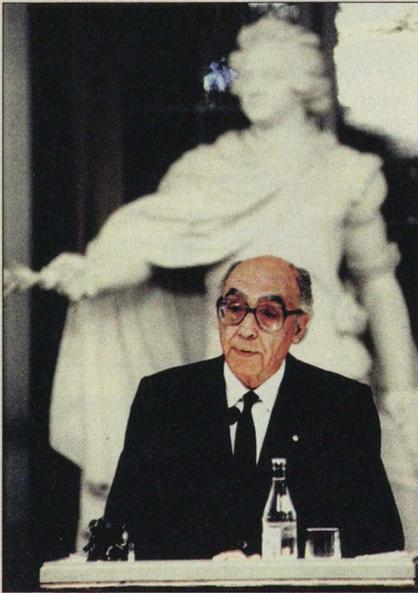
Toda a verdade sobre a vida de Saramago



5 605248 000383



O Evangelho Segundo José Saramago



O discurso

Eram as cinco e meia da tarde e as 15 folhas começaram a ser lidas – o Evangelho Segundo José Saramago. Palavras feitas manual de vida. Não cito a rendição dos grandes diários europeus ao discurso de Saramago – seria usar um argumento cosmopolita e de autoridade, contrário àquilo que a Academia Sueca ouviu.

José Saramago levantou do chão os humilhados – destronou os deuses e colocou lá homens. Não, não foi um discurso impudente e iconoclasta, igual a tantos que o século que acaba conheceu – sobre os líderes, os *supermen* ou, na sua versão colectiva, as massas. Foi terra-a-terra, sobre gente comum, que nós nem acreditávamos que existisse, como as crianças citadinas descreem das galinhas com penas. Foi sobre o avô Jerónimo, guardador de porcos, que se despede da vida abraçando, uma a uma, as árvores do quintal. Foi sobre a avó Josefa, que vivia com os porcos e, aproximam-

do-se a morte, chorava perder para sempre as coisas boas com que vivera. José Saramago pôs, sem metáforas nem chavões, simplesmente com o avô e a avó – e outros personagens que se seguiram no discurso –, os homens comuns no centro do mundo.

Homens-homens, mulheres-mulheres, o povaréu, a arraia-miúda, deixando-nos desasados com o mundo-VIP que nos é dado ver, ler e telever. Foi do meu avô o primeiro Buick que andou no Minho e que até está exposto no Museu do Caramulo, o meu pai, o deputado, esse, não perdia uma *saison* musical em Bayreuth, o meu filho mais velho, o que está a estagiar na corretora em Nova Iorque... Mas, agora, ouvimos, nós e os académicos: «Os meus avós, guardadores de porcos, analfabetos e sábios.»

Sabe bem ouvir este resgate dos simples. José Estaline disse-o, e não merecia tê-lo dito, José Saramago conta-o e devemos ser todo ouvidos: o homem é o capital mais precioso da humanidade.

Notícias

Um homem deu um rim à filha, de 16 anos. O transplante não resultou e o homem quer, agora, doar o seu segundo e último rim à rapariga. A generosidade do pai abriu um debate na comunidade médica americana: será legítimo condenar um homem, que ficará sem rins, a fazer a dolorosa diálise toda a vida? O homem insiste.

Outro pai infecta o filho, bebé, com o vírus da sida. O fito: cortando as esperanças de vida ao filho, a pensão de alimentos a que o divórcio o obrigou, acabaria, esperava ele, por ficar mais barata.

Um beijo na boca, um murro nos dentes – as notícias não são conclusivas: santos ou pecadores?

Laboratório

O fim-de-semana prolongado começou com 12 mortos – mas nenhum nas duas estradas tradicionalmente mais perigosas: nem na beirã IP-5, entre Aveiro e Vilar Formoso, nem na algarvia EN125, de Vila Real de Santo António a Lagos. Ponto comum nas duas ex-assassinas: a «tolerância zero». As Brigadas de Trânsito não desculpam nenhum quilómetro acima dos 90 à hora da lei.

O assunto é batido, mas como não voltar a ele? Estamos perante uma revolução nas estradas portuguesas. Agora sabemos, com o saber provado em laboratório: sim, pois, os traçados são maus, sim, claro, o parque automóvel é velho, sim, urge mudar isso tudo! Mas vamos começar, amiguinhos, por cumprir o Código, sem mas nem meio mas.

No fim-de-semana, passei pela IP-5 – éramos cobaias pacientes, ratinhos calmos com o gesto pavloviano de levantar o pé do acelerador quando a fronteira dos 90 era atingida. Resultado 1): não vi um único sobressalto. Resultado 2):



perdi dez minutos ao habitual tempo que levava a atravessar o ex-campo de morte. Somei 1) e 2) e deu: valeu a pena.

TENDÊNCIAS



ELISA FERREIRA

O acordo sobre os rios, conseguido na Cimeira Lu-so-Espanhola, é uma lança na Ibéria para a ministra do

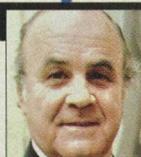
- Ambiente. Será este, finalmente, o epílogo de uma telenovela de anos entre Portugal e Espanha?



ARMANDO VARA

«Se for preciso aumentar a repressão para ajudar a salvar vidas, fá-lo-emos. Já gastámos de mais em cam-

- panhas piedosas que não levam a lado nenhum.» Quem fala assim não é gago: para o secretário de Estado da Administração Interna, diminuir a sinistralidade rodoviária é quase uma questão pessoal.



PIRES DE LIMA

Ganhou, contra forte concorrência, as eleições para bastonário da Ordem dos Advogados. Às primeiras

- impressões, denotou vontade de provocar algumas mudanças, no sentido de que a Ordem faça realmente aquilo que justifica a sua existência: defender os seus inscritos.



JOÃO CRAVINHO

Acusações praticamente não desmentidas de favorecimento das autarquias socialistas na aplicação do

- PIDDAC são demasiado graves para serem verdade. O ministro do Planeamento deve lembrar-se da história da mulher de César...



JAIME GAMA

Portugal aceitou continuar as negociações com a Indonésia, sobre Timor, sob a condição de um represen-

- tante do secretário-geral da ONU investigar, *in loco*, o alegado massacre de Alas. O representante foi a Dili mas não foi a Alas. E Portugal não suspendeu imediatamente as negociações. Em que ficamos? F. L.



JOSÉ SARAGAMO EM ESTOCOLMO

O Nobel de Literatura, leu, durante cerca de 40 minutos, no Salão Nobre da Academia Sueca, um belo e denso texto de 12 páginas

PRÉMIO NOBEL

O recado de Saramago

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS • ENVIADO ESPECIAL

Neto de Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, pobres criadores de porcos da aldeia de Azinhaga, Ribatejo, já deu o seu *recado*. Não esperou, pois, pela sessão solene da entrega dos Prémios Nobel de 1998, que decorre na tarde de hoje, quinta-feira, 10, no Estocolmo Concerto Hall, com televisões de todo o mundo a transmitirem em directo. Esta é uma cerimónia extremamente formal, em que os laureados, na presença da Rainha, não devem falar mais de dois minutos – e o neto de Jerónimo e Josefa, José Saramago, o primeiro escritor de língua portuguesa a ganhar o Nobel de Literatura, deu o seu *recado* na segunda-feira, 7, ao ler, pausadamente, durante cerca de 40 minutos, no Salão Nobre da Academia Sueca, um belo e denso texto de 12 páginas. Saramago tinha prometido, nesta circunstância única, «dizer umas coisas» – e disse, como sempre, conseguindo ocultar a emoção. Disse – como «aprendiz», assim se qualificou, e com o auxílio da «pequena luz da sua razão» – do essencial da sua vida e da sua escrita. Disse desse avô, que não sabia ler nem escrever mas era «o homem mais sábio» que conheceu e «deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o Universo em movimento apenas com duas palavras». Disse da gente a que, nas suas páginas, deu vida e que fez dele «a pessoa em que hoje me reconheço. Aviador dessas personagens mas, ao mesmo tempo, aviatura delas». Disse que o génio poético absoluto da nossa língua está em Camões. Disse do povo perseguido e explorado do Alentejo e da sua esperança de se «vir a tornar um pouco mais merecedor da grandeza dos (seus) exemplos de dignidade». Disse da imaginação, do sentido, do cerne de todos os seus livros dos últimos 20 anos, desde o *Manual de Pintura e Caligrafia*,

em que começou «a escavar para o fundo, para baixo, na direcção das raízes», até *Todos os Nomes*, em que «uma pessoa vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano».

E disse muito mais, sob o signo dos que «intensamente (lhe) ensinaram» o que chamou, na senda de Pavese, «o duro ofício de viver». No salão, cheio, com cerca de 500 pessoas, à luz das inúmeras velas de 13 lustres de cristal, jovens loiras, senhoras respeitáveis e matronas simpáticas seguiam o discurso pela tradução sueca. E eu perguntava-me o que compreenderiam de um destino assim de homem, de escritor e de português. Fora, na cidade branca, branca, a neve não cessava de cair.

Entretanto, o escritor, a bordo dos seus 76 anos imparáveis, já cumprira um programa preenchidíssimo por encontros (inclusive com os outros quatro Prémios Nobel), recepções, infindas entrevistas, encontros nas universidades, uma exposição de livros seus na Biblioteca Real de Estocolmo. Da parte portuguesa, por sua vez, sucederam-se e sucedem-se as iniciativas. O Instituto Camões montou a exposição *O homem dentro do romance* e lançou a 4.ª edição da sua revista integralmente dedicada a Saramago. O ICEP, com o apoio do IPLL, promoveu um evento que intitulou «Uma vez contra o silêncio», também com uma exposição e um diaporama, apostando forte na valorização e «rentabilização» deste prémio, que já tanto fez pela fala de Portugal em todo o mundo. E o Presidente Jorge Sampaio, que vem à cerimónia de hoje, oferece uma recepção à comunidade portuguesa. Também ela feliz, como José Saramago, que, com o seu visceral pessimismo, talvez agora tenha *sentido* melhor a frase da avó Josefa: «O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer.» ■

HOMENAGEM

Mundo político e cultural na Ajuda

A condecoração concedida por Jorge Sampaio a José Saramago reuniu no Palácio da Ajuda muitas dezenas de personalidades



JOSE ANTONIO RODRIGUES

PILAR E MARIA JOSÉ RITTA

Testemunhas privilegiadas de um momento verdadeiramente histórico



STEVEN GOVERNO

A EMOÇÃO DE EDUARDO LOURENÇO

O abraço do Prémio Nobel a um Prémio Camões



FERNANDO RICARDO

MARCELO NA FILA DOS CUMPRIMENTOS

Atrás de Urbano Tavares Rodrigues. Comunhão de credos políticos



ANTONIO RODRIGUES

SANTIAGO PARA SARAMAGO

Dias antes de partir para Estocolmo a fim de receber o Prémio Nobel da Literatura, o autor de *Memorial do Convento* recebeu no Palácio da Ajuda o Grande Colar da Ordem de Santiago de Espada. Das mãos do Presidente da República, «do Jorge Sampaio», como Saramago disse afectuosamente.



FERNANDO RICARDO

CONDECORAÇÃO

O Presidente da República depois de distinguir José Saramago



JOSE ANTONIO RODRIGUES

EANES E SOARES À DISTÂNCIA CONVENIENTE

Os dois ex-Presidentes da República mantiveram o afastamento regulamentar



JOSE ANTONIO RODRIGUES

O RECONHECIMENTO DOS MEDIA

Francisco Pinto Balsemão e Mercedes Prezas Balsemão cumprimentam o escritor



JOSE ANTONIO RODRIGUES

MARCELO E VASCO GONÇALVES

Um reencontro 25 anos depois. O actual presidente do PSD fez parte da Comissão da Lei de Imprensa



JOSE ANTONIO RODRIGUES

O AGRADECIMENTO DA PINTORA

Grça Moraes foi um dos muitos elementos do mundo cultural português presentes na Ajuda

A VIDA SEGUNDO

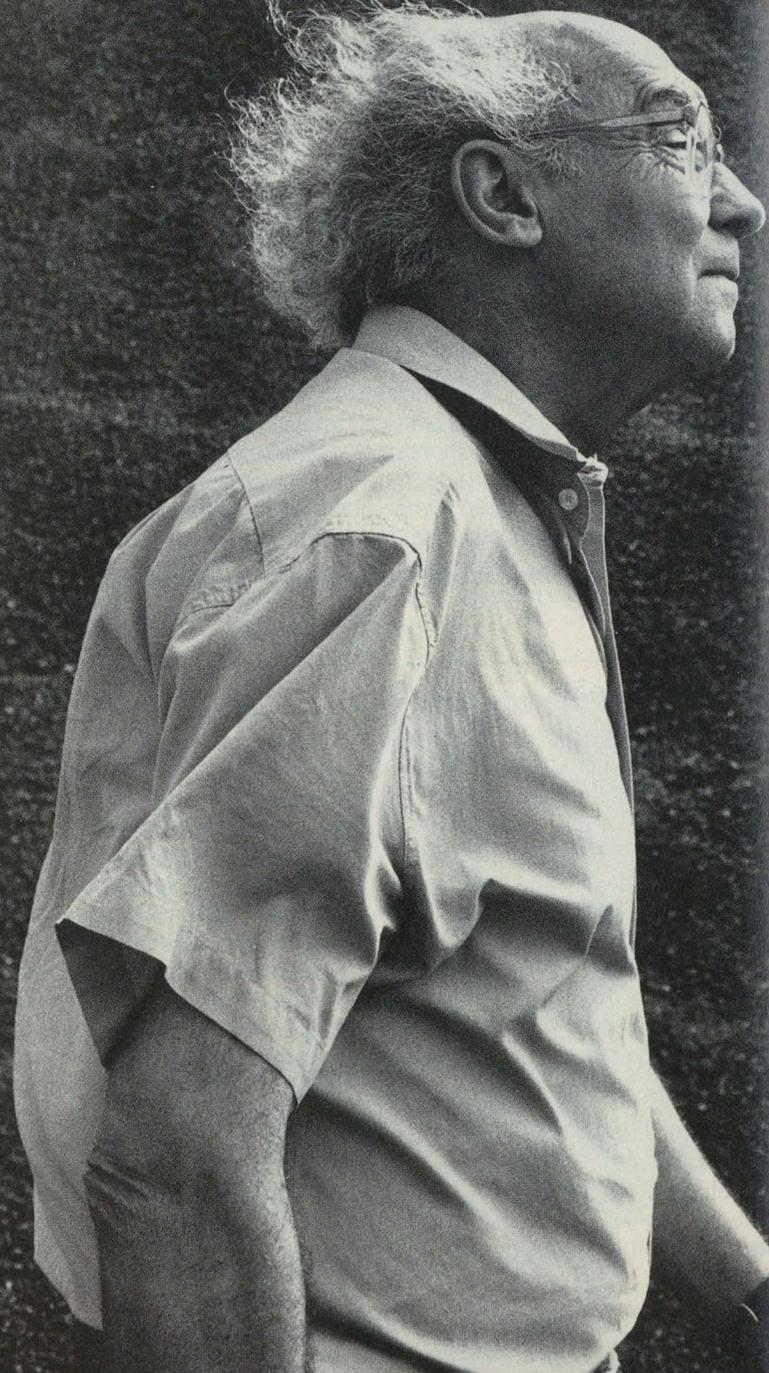
Filho de gente pobre e quase analfabeta, fez-se sozinho para existir com uma ideia de si e do mundo. Tornou-se escritor, um homem de convicções inabaláveis, mas também de escondidas fragilidades. Aqui se traça o retrato do primeiro português a receber – hoje, quinta-feira, 10, em Estocolmo – o Prémio Nobel da Literatura

FILIPA MELO

Cada ruga na cara de um homem conta uma história. Aos 76 anos, no rosto de José Saramago, apenas em torno dos olhos, descaídos, cansados, se marcam linhas finas com uma expressão própria. Depois, há a boca, um traço estreito que tem de rasgar o rosto quando ri, ou que faz desaparecer os lábios, transformando-se numa faca afiada a denunciar a comoção. Um dia, a mesma boca do homem então com 18 anos, serralheiro mecânico nos Hospitais Cívicos de Lisboa, disse: «Aquilo que tiver de ser meu, às mãos me há-de vir ter.» E por ela o destino foi traçado.

Nem Deus nem o Diabo foram chamados para este pacto. José de Sousa Saramago nasceu a 16 de Novembro de 1922, numa casa humilde da Rua da Alagoa, freguesia de Azinhaga do Ribatejo, concelho da Golegã, a 32 Km de Santarém, 102 de Lisboa. E logo ali se desuniram os fados. Para não pagarem uma multa, os seus pais, José de Sousa, jornalista, e Maria da Piedade, doméstica, ambos com 24 anos, decidiram registar o menino como tendo nascido a 18. Calharam mal a sorte, o dia e o oficial do Registo Civil. Afirmaria décadas mais

JOSÉ SARAMAGO



SEBASTIÃO SALGADO

tarde o escritor que o funcionário da Conservatória estava bêbado e por isso se enganou a escrever o seu apelido, juntando-lhe a alcunha da família: Saramago, nome de planta daninha com que por maldade era apelidada. A cópia original do dito registo mostra, porém, uma letra elegante e segura, nada própria de um bêbado. Será este o primeiro mistério da vida do futuro Nobel.

AS RAÍZES

Com a palavra «saramago», hoje pronunciada pelos quatro cantos do mundo, nasceu outra incógnita. A sua origem, árabe, parece ser também a de um dos ramos da genealogia do escritor. Ele mesmo o refere numa crónica publicada em *A Capital*, em 1969, lembrando as histórias fabulosas que em pequeno ouvia sobre o seu bisavô materno, oriundo da África do Norte, falecido na Azinhaga. Seria este «um homem alto, magríssimo e escuro, de rosto de pedra, onde um sorriso, de tão raro, era uma festa». Contava-se que teria morto um homem em circunstâncias obscuras, «a frio, como quem arranca uma silva». E o menino José tremia só de ouvir.

Recuemos portanto com ele até ao tempo da infância. Tinha Saramago dois anos quando o pai José de Sousa decide migrar da Azinhaga para Lisboa e para um emprego numa esquadra da Polícia de Segurança Pública, onde chegaria a subchefe. Em Dezembro desse mesmo ano, 1924, morre-lhe o filho mais velho, Francisco, com quatro anos e dois meses, vítima de uma broncopneumonia. O choque desta morte afectará para sempre aquele lar. Do seu único irmão, Saramago nada mais virá a saber. A mãe apenas lhe diz, «em ocasiões que [ele] achava mal escolhidas, que o Chico tinha as faces coradíssimas, ao contrário [das dele], que sempre puxaram para o pálido» (*Cadernos de Lanzarote, Diário IV*).

A família Sousa vive então uma vida dura, em quartos alugados, águas-furtadas ou

partes de casa, na área do Alto de Pina, primeiro na desaparecida Quinta do Perna-de-Pau, depois na Rua E (hoje Rua Luís Monteiro) e na Rua Carrilho Videira. No entanto, aos oito anos, o menino já aprendera a ler muito bem, na Escola Primária da Rua Martens Ferrão, depois na do Largo do Leão, com o professor Vairinho, «um homem altocalvo, grave quanto bastava para acentuar a respeitabilidade da sua posição de director, mas, ainda assim, nosso amigo e nada exagerado na disciplina» (*A Bagagem do Viajante*).

Na escrita, «fazia poucos erros para a idade, só a caligrafia era má, e assim veio a ficar sempre». Em compensação, José Saramago devorava as páginas do *Diário de Notícias*. Pouco mais havia em casa para ler: um guia de conversação de Português-Francês assinado por Molière; e um livro grande, «com histórias de chorar», *A Toutinegra do Moinho*, de Émile de Richbourg, encadernado de azul e religiosamente guardado pela mãe numa gaveta da cómoda, embrulhado em papel de seda e cheiro de naftalina.

Ao contrário do seu marido, Maria da Piedade nunca soube ler. Quase no final da sua vida, a única neta, Violante, ensinava-lhe a assinar o nome. Mas foi ela, com um inusitado espírito visionário, quem comprou o primeiro livro que, aos 13 anos, o filho teve como seu: *O Mistério do Moinho*, de J. Jefferson Farjeon. Apontou-o o futuro escritor no escaparate de uma papelaria, deliciado com o presente que ia levar para as férias grandes, sempre passadas na Azinhaga. Aí, entre a mudança da palha das pocilgas, os passeios entre os troncos torcidos das oliveiras ou «o desnocar da nuca dos coelhos com uma pancada seca do cutelo da mão», Saramago teve o seu primeiro contacto com o mundo da literatura.

Sentado num quarto do Hotel Altis, em Lisboa, Saramago afirma: «Nunca tive ambições na vida!» (*ver entrevista*). ►



MENINO

Com 6, 8 e 10 anos: «Não fui uma criança feliz.» Ao lado, a certidão de nascimento

JOSEFA DA CONCEIÇÃO E JERÓNIMO MELRINHO

Os avós maternos serão uma referência fundamental na vida de Saramago



MARIA DA PIEDADE E JOSÉ DE SOUSA

«Meus pais nesta fotografia com [69] anos, tirada quando o meu pai já voltara da Grande Guerra e a minha mãe estava grávida de meu irmão» (A Bagagem do Viajante)

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

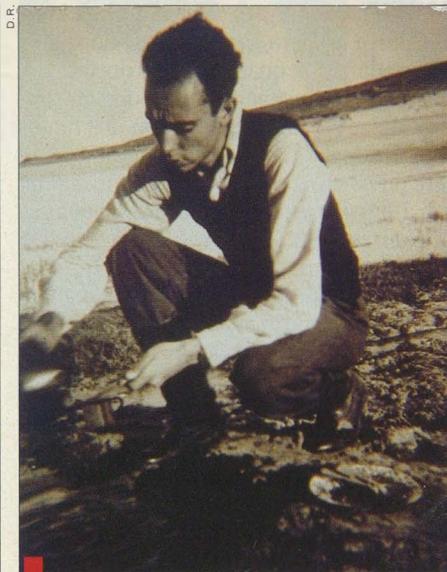
Estamos a poucos dias de receber, em Estocolmo, o Prémio Nobel. Desde o anúncio da sua atribuição, a 8 de Outubro, não teve um minuto de sossego. De repente, o mundo virou os olhos para este sujeito alto, seco, autor de 28 livros em 51 anos de escrita.

ATEU E MÍSTICO?

«Nunca tive ambições na vida!», repete. Vem em seu socorro o que, em Fevereiro de 1995, no terceiro volume dos *Cadernos de Lanzarote*, espécie de inventário do quotidiano que iniciou em 1993, escreveu: «A mim estas coisas assombram-me, quase me deixam sem palavras (...). O rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga, o adolescente de fato-macaco que montou e tornou a montar motores de automóveis, o homem que durante anos calculou pensões de reforma e subsídios de doença, e que mais adiante ajudou a fazer livros, e depois se pôs a escrever alguns — esse homem, esse adolescente e esse rapazito acabam de ser nomeados *doutor honoris causa* pela Universidade de Manchester.»

Seria esta uma distinção entre as muitas que viria a receber — culminando na entrega, no último dia 3, pelo Presidente Jorge Sampaio, do Grande Colar da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, a mais alta condecoração portuguesa, até agora reservada a chefes de Estado. Mas o homem que a recebeu é o mesmo que, agora, nos assegura: «Não quero, recuso-me a romantizar as coisas.» Então como entender o romantismo com que fala, por exemplo, dos seus antepassados?

Qualquer afirmação que se faça sobre José Saramago, homem fértil em subtis contradições, é uma armadilha. Sabem-no bem os seus amigos, poucos, que movem com pinças as palavras com que o referem. O escritor e jornalista Baptista-Bastos, 64 anos, conheceu-o no início de 1965, num restaurante do Bairro Alto, e recorda-o como «um tipo bem posto, com um ar gravíssimo, profundamente triste e sonhador».



O CAMPISTA

«Foi no Verão [de 1941]. Combinara com uns amigos ir passar o fim-de-semana sob a tenda, ali para a lagoa de Albufeira» (Deste Mundo e do Outro)

Hoje, sustenta: «Por mais que o negue, ele é um animal místico, a braços com a transcendência de si próprio.» Fala de uma ferida oculta e nunca cicatrizada, carregada por Saramago até à morte, essa etapa que, a este ateu confesso, parece não inspirar qualquer temor. Descreve-o como «um homem de amor, extremamente hábil e inteligente, alguém coerente e congruente com o quadro moral e ideológico que lhe serve de couraça». No livro que Bastos sobre ele escreveu (*José Saramago, Aproximação a Um Retrato, Dom Quixote*), o autor de *Memorial do Convento* deixará dito: «Sou incapaz de mostrar uma alegria profunda. Algo me impede de dar-me em espectáculo a mim próprio.»

UM DURO LEGADO

De onde lhe vem esta tão rígida concepção de si próprio e do mundo? «A raiz para muitos dos meus comportamentos de adulto está na impossibilidade de, em criança, chegar à minha família», responde. À descrição do modo como, então, a mãe lhe negava afecto, junta o retrato dos avós

maternos, Josefa e Jerónimo, e da sua luta sem tréguas pela vida. Dos avós paternos, o guarda de herdades João de Sousa e a doméstica Carolina da Conceição, nascidos, respectivamente, em 1869 e 1871, pouco desvenda. Mas, por várias vezes, nos seus livros, Saramago emoldura com uma aura romântica os feitos daquele «avô guardador de porcos, de cujos pais nada se sabia, posto na roda da Misericórdia, homem toda a vida secreto, de mínimas falas, também delgado e alto como uma vara.» (A Bagagem do Viajante).

Filho das ervas ou «filho oculto de uma duquesa», o analfabeto Jerónimo, de caído na mão, capote enlameado e imensa sabedoria, é uma referência fundamental na sua vida. Com ele enrolado numa manta lobeira, debaixo de uma figueira da Azinhaga e numa noite morna de Verão, o menino José aprenderá os segredos das estrelas. Com a sua mulher, Josefa, «a mais bela rapariga do seu tempo», Jerónimo fará sete filhos, dormirá na mesma cama com os bácoros, viverá «uma vida difícil, de desconforto, de ignorância». No final, deixa ao neto como herança a marca indelével da luta pela subsistência e da crueza do destino dos pobres, aquilo a que Baptista-Bastos virá a chamar «uma moral proletária do trabalho».

SERRALHEIRO, REVOLTADO

Violante Matos, a única filha do escritor, bióloga, deputada do Partido Socialista na Assembleia Regional da Madeira, 51 anos, defende: «Tudo o que ele conseguiu na vida nasceu da necessidade interior de, em dado momento, fazer uma coisa e deixá-la bem feita. Não para chegar a algum sítio, mas para cumprir os seus próprios objectivos.» Ele mesmo acrescenta que é difícil entender esta sua «pouco normal ausência de ambição», este ir vivendo cada dia como uma luta só, transposta para o futuro apenas pela convicção de que «tudo chega quando tem de chegar».

O dever do trabalho, a disciplina férrea com que sempre o enfrentou, remontam ao período entre 1934 e 1939, quando aprendia o ofício de serralheiro mecânico na antiga Escola Industrial Afonso Domingues, em Xabregas, para onde se transferira, por falta de recursos económicos, do Liceu Gil Vicente. Explica, no terceiro volume dos *Cadernos de Lanzarote*: «Nessa altura,

compreendi que quando produzimos uma peça de um mecanismo, ela tem que entrar em harmonia com as outras peças, tem que funcionar, tem que ser bem feita.» Nas oficinas, «iluminadas por altos janelões que davam para rua da Madre de Deus», José obedecia às ordens dos mestres Vicentino, Teixeira e Gião. Com tanto esmero o fazia que, no seu caderno de aluno mediano, ficaria a brilhar um 15 a Serralharia, e outro a Francês. Este contradiz as suas notas a Português, que não ultrapassam o 11, mas deixa adivinhar o seu desempenho, entre 1955 e 1981, como tradutor de 48 livros.

José Saramago faz-se, entretanto, um homem. Logo aos 16 anos, quando termina o curso técnico, começa a ganhar o seu sustento, como serralheiro mecânico, nas oficinas dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Mais tarde, relata a Zeferino Coelho, seu amigo e director da Caminho (desde 1980, editora de todos os seus livros), a indignação que sentiu num dia em que estava a comer da marmitta com os outros trabalhadores. Passou por ele o seu chefe, acompanhado de alguém a quem mostrava as oficinas e as máquinas, mas nem por um segundo os visitantes detiveram o olhar sobre os trabalhadores, postos «em sentido». Saramago é o único que permanece sentado. Comenta Zeferino: «Julgo que a sua rebeldia nasceu ali, na percepção da sua condição de operário. É por isso que, há bem pouco tempo, em jeito de brincadeira, ele me disse que tinha inventado 'o comunismo hormonal'.»

Mas José não é um operário qualquer. «Calado, metido consigo, (...) tem poucos livros em casa porque o ordenado é pequeno, mas leu na Biblioteca Municipal das Galveias tudo quanto a sua compreensão logrou alcançar.» (Aviso introdutório à reedição de *Terra do Pecado*, em 1997). Nestas páginas, que devora em horário nocturno, descobre os autores para sempre seus favoritos: Gogol, Kafka, Cervantes, Montaigne, Padre António Vieira e Raul Brandão. O gosto pelas palavras torna-se de tal modo evidente que, em Outubro de 1942, a administração dos Hospitais Cívicos de Lisboa o transfere, como auxiliar de escrita, para uma das Repartições, à razão de nove escudos por dia. Então, «é tão cumpridor e pontual que à hora de começar o serviço já está sentado à pequena mesa em que trabalha, ao lado da prensa das cópias.»

VIVER, APAGAR AS PAIXÕES

Quando, em 1943, um ano antes de rescindir o contrato com os Hospitais Cívicos, Saramago começa a trabalhar na Caixa de

O CARTEIRO DE JOSÉ SARAGAMO

Embora só tenha falado com o escritor um punhado de vezes, Homero Roque, carteiro, 35 anos, sente por ele uma profunda admiração. Em 1972, estreou-se na leitura saramaguiana, através das crónicas que o escritor então publicava no *Jornal do Fundão*. «Eu era um menino, mas, através do que lia, já adivinhava a pessoa maravilhosa que ele é», conta emocionado. «As circunstâncias da vida» fizeram com que, entretanto, eles se cruzassem. Há oito anos, quando ingressou nos CTT, Homero estava longe de imaginar que viria a manusear a correspondência para Saramago. Hoje, gosta de lembrar o escritor como «um homem bom, que nunca renunciou aos seus princípios».

A generosidade é, aliás, palavra comum na boca de quem de perto lida com o escritor. Irene, 55 anos, e Manuel Faria, 54, são casados e proprietários de uma mercearia, A Mascote, na Rua dos Ferreiros à Estrela. Na porta ao lado, o número 32, viveu Saramago até 1993 (actualmente vive aí a sua neta Ana), a quem eles davam algum apoio logístico. Histórias comuns há várias, mas os dois comerciantes escolhem o relato de como o escritor ajudou Filomena, a filha deles, num

trabalho escolar: «Passaram um dia juntos, a fazer uma reportagem sobre ele.»

António Oliveira, 59 anos, outro amigo de Saramago nestas andanças do destino, não se cansa de o elogiar, como «pessoa muito generosa» e que «gosta de mostrar as coisas que descobre». Conheceram-se em 1976, quando o escritor foi pela primeira vez almoçar ao seu restaurante, A Varina da Madragoa, de que passou a ser frequentador habitual. «Houve logo uma cumplicidade», lembra. Depois, viajaram por Portugal e Espanha, passaram muitos serões no restaurante, foi na Varina a boda do casamento com Pilar.



HOMERO ROQUE

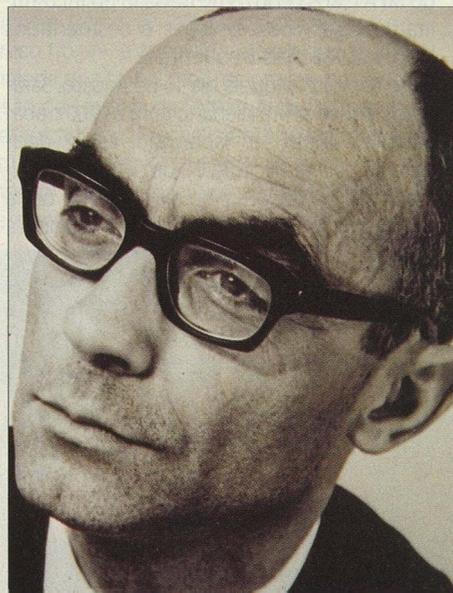
«Com o Nobel fez-se justiça a um homem que há muito o merecia»

I.P.Q.

Abono de Família do Pessoal da Indústria de Cerâmica, Ilda Reis já entrara na sua vida. Também com 20 anos, esta moça morena e bonita, natural de Lisboa, era dactilógrafa na sede dos Caminhos de Ferro de Portugal. Por estranha coincidência, enamorara-se de um José que, em pequeno, sonhava vir a ser maquinista de comboios, depois aviador militar, por fim escrivinhador. O casamento dá-se em 1944 e dura 26

anos, mas sobre ele o escritor nada deixará dito.

O mesmo acontece com todas as outras paixões da sua vida, excepção feita para a última, com a jornalista espanhola Pilar del Río, celebrada em casamento, em 1988. Da relação que, durante 20 anos, até 1986, mantém com a escritora Isabel da Nóbrega – que, em 1964, tem 39 anos, e já ganhara o Prémio Camilo Castelo Branco com o romance *Viver com os Outros* – José Saramago apaga todas as referências. Nas reedições dos livros publicados até 1984, desaparecem assim as dedicatórias: «Não se dirá aqui o nome. Mas da sua exaltação nasceu este poema, do seu riso esta autobiografia, da sua verdade esta meditação» (*Deste Mundo e do Outro*, 1971); «À Isabel, sempre» (*Levantado do Chão*, 1980); «À Isabel, porque nada perde ou repete, porque tudo cria e renova» (*Memorial do Convento*, 1982); ou «À Isabel, outro livro, o mesmo sinal» (*O Ano da Morte de* ▶



O POETA

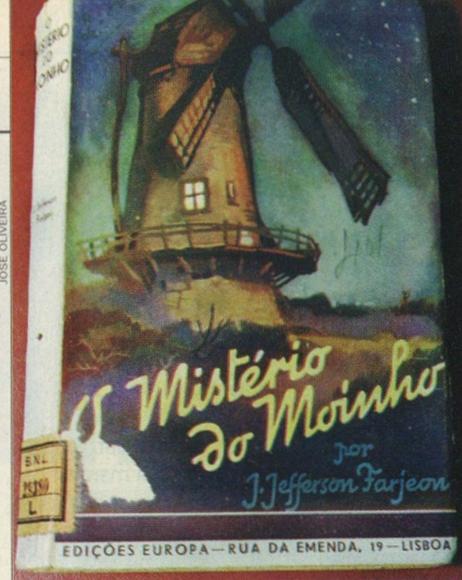
Com 44 anos, publica o primeiro livro de poesia, *Poemas Possíveis*. Mais tarde, afirma: «Poderia ser um poeta com alguns poemas mais ou menos bons, mas não mais do que isso.»

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

Ricardo Reis, 1984). Esclarece José Augusto França, 76 anos, amigo do escritor há 39: «A Isabel, filha das chamadas boas famílias, empurrou-o para um meio social que não era o dele. Acreditou nele e incentivou-o a explorar o imenso talento que já antes possuía.» Zeferino Coelho remata: «Acho que tiveram uma relação de intensa paixão que, com o convívio do dia-a-dia, se foi degradando.»

OS ANOS DO SILÊNCIO

Voltemos, entretanto, a meados da década de 40. Como «seguimento de leituras mal arrumadas e mal organizadas», Saramago escreve o seu primeiro romance, *A Viúva*. A história tem jeitos de fatalista enredo camiliano, envolve uma viúva ribatejana, a sua paixão pelo cunhado e a chantagem que sobre os dois é feita por uma criada, Benedita, figura gémea da Juliana de *Primo Basílio*, de Eça de Queirós.



Em 1947, o manuscrito é enviado pelo candidato a escritor, «com notável atrevimento, sem padrinhos, sem empenhos, sem recomendações» (Aviso à reedição), para a editora Parceria António Maria Pereira. Por inexplicáveis razões, pouco tempo depois reaparece nas mãos de Manuel Rodrigues, da Editorial Minerva, que lhe altera o título para *Terra do Pecado*, conveniente Saramago a prescindir dos direitos de

O PRIMEIRO LIVRO

Aos 13 anos, a mãe oferece-lhe este título, apontado pelo menino no escaparate de uma papelaria

autor, e o dá à estampa ainda nesse ano. Colhendo duas ou três razoáveis críticas, o volume depressa cai no esquecimento. Será rejeitado pelo próprio escritor, que o retira da sua bibliografia, até 1997, quando José Carlos de Vasconcelos o recupera no *Jornal de Letras*, assinalando os seus 50 anos de escritor, e ele se decide assumi-lo.

Aos 26 anos, com um livro publicado, uma filha que acabou de nascer e a quem «medievalmente» dá o nome de Violante, e umas quantas árvores plantadas na Azinhaga, a José «pouco mais resta para fazer na vida». Mas não, não baixa os braços, e produz mais um original, *Clarabóia*. O romance, dirá ele, em 1997, ao ensaísta e director da Biblioteca Nacional, Carlos Reis, «é a história de um prédio com seis inquil-



A TURMA

Fotografia de fim de curso, em 1938. Está ao centro do grupo, na última fila



ALUNO MEDIANO

Na Escola Afonso Domingues, onde, entre os 12 e os 17 anos, aprende o ofício de serralheiro, é um estudante com média de 11. Comprova-o a sua caderneta de aluno, aqui pela primeira vez divulgada

ANO ESCOLAR	ALUNO	NOTAS	CLASSIFICAÇÃO
1937	Aluno ordinário	11,00	11
1938	Aluno ordinário	11,00	11
1939	Aluno ordinário	11,00	11
1940	Aluno ordinário	11,00	11
1941	Aluno ordinário	11,00	11
1942	Aluno ordinário	11,00	11
1943	Aluno ordinário	11,00	11
1944	Aluno ordinário	11,00	11
1945	Aluno ordinário	11,00	11
1946	Aluno ordinário	11,00	11
1947	Aluno ordinário	11,00	11
1948	Aluno ordinário	11,00	11
1949	Aluno ordinário	11,00	11
1950	Aluno ordinário	11,00	11
1951	Aluno ordinário	11,00	11
1952	Aluno ordinário	11,00	11
1953	Aluno ordinário	11,00	11
1954	Aluno ordinário	11,00	11
1955	Aluno ordinário	11,00	11
1956	Aluno ordinário	11,00	11
1957	Aluno ordinário	11,00	11
1958	Aluno ordinário	11,00	11
1959	Aluno ordinário	11,00	11
1960	Aluno ordinário	11,00	11
1961	Aluno ordinário	11,00	11
1962	Aluno ordinário	11,00	11
1963	Aluno ordinário	11,00	11
1964	Aluno ordinário	11,00	11
1965	Aluno ordinário	11,00	11
1966	Aluno ordinário	11,00	11
1967	Aluno ordinário	11,00	11
1968	Aluno ordinário	11,00	11
1969	Aluno ordinário	11,00	11
1970	Aluno ordinário	11,00	11
1971	Aluno ordinário	11,00	11
1972	Aluno ordinário	11,00	11
1973	Aluno ordinário	11,00	11
1974	Aluno ordinário	11,00	11
1975	Aluno ordinário	11,00	11
1976	Aluno ordinário	11,00	11
1977	Aluno ordinário	11,00	11
1978	Aluno ordinário	11,00	11
1979	Aluno ordinário	11,00	11
1980	Aluno ordinário	11,00	11
1981	Aluno ordinário	11,00	11
1982	Aluno ordinário	11,00	11
1983	Aluno ordinário	11,00	11
1984	Aluno ordinário	11,00	11
1985	Aluno ordinário	11,00	11
1986	Aluno ordinário	11,00	11
1987	Aluno ordinário	11,00	11
1988	Aluno ordinário	11,00	11
1989	Aluno ordinário	11,00	11
1990	Aluno ordinário	11,00	11
1991	Aluno ordinário	11,00	11
1992	Aluno ordinário	11,00	11
1993	Aluno ordinário	11,00	11
1994	Aluno ordinário	11,00	11
1995	Aluno ordinário	11,00	11
1996	Aluno ordinário	11,00	11
1997	Aluno ordinário	11,00	11
1998	Aluno ordinário	11,00	11
1999	Aluno ordinário	11,00	11
2000	Aluno ordinário	11,00	11

nos sucessivamente envolvidos num enredo» (*Diálogos com José Saramago*, a editar pela Caminho). Na época, o amigo e pintor Figueiredo Sobral encarrega-se de enviar

para a Empresa Nacional de Publicidade. Mas só em 1990, quando procede à reorganização dos seus arquivos, a editora dá sinal do manuscrito ao escritor. «Eu pró- ►

'DN': A VERDADE E A POLÉMICA

Estamos em pleno Verão Quente de 1975. O *Diário de Notícias* (DN), antes do 25 de Abril um órgão do regime, tem depois dele uma direcção nomeada pelo I Governo democrático, constituída por Ribeiro dos Santos (PS) e José Carlos de Vasconcelos (independente). Com o 11 de Março daquele ano, e a chamada «aceleração revolucionária», entra uma nova direcção, a de Luís de Barros e José Saramago, que enfileira pela «via do socialismo» radical. Testemunham-no a quase totalidade dos artigos da época e também os editoriais que Saramago, director-adjunto, assina, com o título *Apontamentos*.

No novo Estatuto Editorial fica expresso o compromisso de «defender intransigentemente a Revolução para um socialismo autêntico ao serviço de todos os trabalhadores; manter a vigilância contra todas as manobras divisionistas, surjam elas dentro da empresa ou sejam fomentadas pelo exterior, combatendo-as sem hesitação». Na ausência do director, Luís de Barros, às 18 horas do

dia 14 de Agosto, os redactores Luís de Oliveira Nunes, Mateus Boaventura e o repórter fotográfico Raul do Nascimento, entregam a Saramago um documento assinado por 30 dos 62 jornalistas da casa, e solicitam que este seja publicado na edição do dia seguinte. Ali se lê, entre outras afirmações, que «a secção de informação política [do DN] é preenchida, na sua esmagadora maioria, por elementos afectos aos PCP e ao MDP/CDE» e que «luma crescente onda de descrédito se abateu sobre o jornal, (...) através do evidente desmerecimento da sua informação junto de vastos sectores do público leitor, como do MFA e dos centros de decisão politico-militares, cujas contestações e desmentidos são cada vez mais frequentes».

Logo na noite daquele dia 14 de Agosto, Saramago convoca um plenário com os 200 trabalhadores então em laboração. Estes, decidem-se pela publicação de um «Aviso» na primeira página do jornal do dia seguinte, onde qualificam de «acção divisionista» e «manobra

chantagista e contra-revolucionária» a acção daquele «pequeno grupo de provocadores infiltrados na Empresa». No sábado, 16, o documento é publicado no semanário *Expresso*; e o grupo dos signatários dá uma conferência de imprensa, no cinema Capitólio. Na segunda-feira, os trabalhadores da ENP reúnem-se em plenário, no terraço da sede, na Avenida da Liberdade. A sessão abre com a leitura de um comunicado da Administração,



que aponta como «caluniosas, difamatórias e claramente reaccionárias» as acusações dos 30 signatários do referido documento. Fala depois o director Luís de Barros, entretanto regressado de férias, que afirma «solidarizar-se inteiramente» com a posição que, logo em seguida, iria ser defendida por Saramago. Na primeira e segunda páginas do DN do dia seguinte, três colunas são ocupadas com a sua intervenção. Desmentindo, em pormenor, cada uma das afirmações contidas no «documento dos 30», Saramago define-o como



O PLENÁRIO

No plenário do dia 18 de Agosto, Saramago (do lado direito, primeira fila) apenas faz uma curta intervenção

sendo «baseado na mentira, na desonestidade intelectual e política e no impudor mais absoluto». Aos seus signatários, chama «declaradamente hipócritas e mentirosos», acusando-os de «a coberto de uma situação política geral extremamente confusa, embarcarem numa manobra que eles dizem que é democrática e que eu classifico de contra-revolucionária, pelo menos; em relação a

alguns, eu diria fascista». Após várias outras inflamadas intervenções, o plenário termina com a aprovação de uma moção, redigida pelos trabalhadores do 1º e 3º turnos da Tipografia, Estereotipia e do Serviço de Pessoal, nos termos da qual são suspensos de imediato os «indivíduos calaceiros, bêbados e oportunistas [que] se arvoram em pseudo-revolucionários e arautos da liberdade». Nove dias depois, às 17 horas de 27 de Agosto, os trabalhadores voltam a reunir-se em plenário. Então, após vários discursos contundentes, é lido o relatório da Comissão de Inquérito entretanto nomeada. José Saramago apenas intervém para lançar «o reto à coragem dos autores do documento em causa» para que se afirmassem publicamente. Perto das 22 horas, por «votação de braço no ar», é aprovada «pela esmagadora maioria dos trabalhadores presentes» a decisão de «sanear da ENP, sem quaisquer indemnizações, 22 jornalistas (oito tinham-se, entretanto, demarcado do referido documento) que o subscreveram, considerados responsáveis pelo seu empoamento exterior». Em Maio de 1976, o conselho de administração da ENP então em funções, presidido pelo coronel Mário Andrea, decide considerar sem efeito o afastamento destes 22 jornalistas e readmiti-los na empresa. Em simultâneo, instaura processos disciplinares «aos elementos que tenham feito parte de comissões de inquérito ou de saneamento».

O SUBDIRECTOR

No dia 9 de Abril de 1975, José Saramago toma posse do cargo que desempenhará no *Diário de Notícias* até ao 25 de Novembro. Ao lado, está Luís de Barros, o director então nomeado



PORTO BARROS

Barros Almeida & Co



Descubra o sabor da vida num cálice de Porto.

Descubra um Porto cheio de vida. Um Porto autêntico, genuíno, como só os nascidos do calor do sol e da terra agreste do Douro podem ser. Um Porto com uma personalidade própria e um carácter marcante, que depois de se conhecer jamais se esquece. Conheça o Vinho do Porto no seu melhor: o Porto Barros. E descobrirá um novo sabor na sua vida.



UM PORTO CHEIO DE VIDA

UM PAI DIFERENTE

A palavra «pai», Violante Matos, hoje com 51 anos, sempre associou outra: «livros». Aos oito anos, sabia que a secretária de José Saramago era um santuário onde só ele podia mexer. Aos 13, este homem «sisudo, introvertido, mas também afectuoso» já a ensinara a nadar e a ler poemas, e impressionava-a com a linguagem cuidada e a paixão pelo saber. «Sentia que aspirava a ser mais do que um mero funcionário da Caixa de Previdência», explica. Tal como ele, nesta época, Ilda Reis, a mãe, «uma mulher doce, de uma profunda sensibilidade» (falecida em 1997), inicia-se numa outra forma de realização pessoal: a pintura. Criança quase anormalmente bem comportada, Violante pouco trabalho dá ao casal. De tal modo que hoje só se lembra de, aos sete anos, «lhes ter roubado 20 paus da carteira». A tropelia foi rematada com a única palmada



VIOLANTE MATOS

«O meu pai é um homem apaixonado pelas suas convicções, que segue de um modo coerente». Ao lado, com um ano e meio

que recebeu do pai, «a quem ela também deve ter doido muito». Entretanto, Violante cresce e começa a mostrar sinais de rebeldia. Na altura do divórcio dos pais, em 1970, é já uma acérrima militante do MRPP, um partido maoista-stalinista, ferozmente anti-PCP, a que chamavam «social-fascista», que era então dirigido por Arnaldo Matos, irmão do seu futuro, e actual, marido, Danilo. «Por razões políticas, inicio então um longo

período de afastamento em relação ao meu pai», conta.

Hoje, reatados os laços, descreve-o como «um homem muito disciplinado e organizado, com uma grande força de vontade, coerente e apaixonado pelas suas estruturais convicções». Defeitos? «Às vezes é um bocado casmurro, teimoso, demasiado arreigado às suas ideias.» Também aos olhos da filha, Saramago é detentor de sentimentos contraditórios. Por exemplo: «O que nele existe de vaidade e orgulho tem que ver com a sua timidez, que, em momentos de irritação, se manifesta pela gaguez. Ele é um homem extremamente tímido, que se refugia numa certa pose ativa para enfrentar determinadas situações.» No entanto, é do pai que Violante parece ter recebido tanto a figura seca e esguia, como uma inusitada coragem. Em 1973, durante os três meses em que esteve presa em Caxias, acompanhada pela sua primeira filha, Ana, José Saramago visita-a e diz-lhe: «Minha filha, tens de ir buscar forças nem que seja ao dedo grande do pé.»

▶ A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

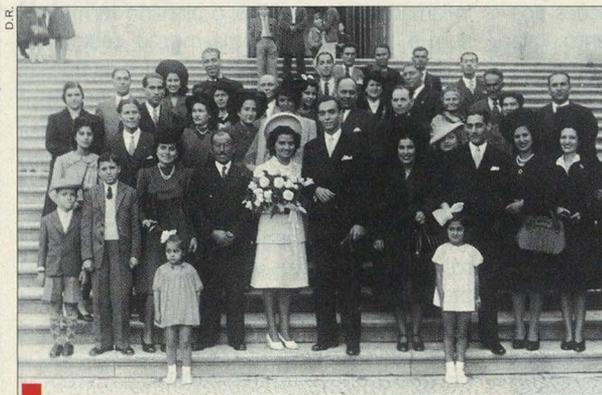
prio me havia esquecido dele durante todos estes anos; sempre tive consciência de que não se perdeu grande coisa em não ter sido publicado», clarifica Saramago.

«Uma das grandes incógnitas da biografia do José», diz-nos um dos seus amigos mais próximos, José Manuel Mendes, 50 anos, presidente da Associação Portuguesa de Escritores, «é o facto de, durante 19 anos, entre a criação de *Clarabóia* e a edição de *Os Poemas Possíveis*, em 1966, ele não ter escrito nada.» Habitado a desmistificar todas as questões que lhe dizem respeito, Saramago é rápido na explicação: «Durante todo esse tempo, eu não estava decepcionado com a recepção de *Terra do Pecado*, não pensava acumular experiência para escrever mais tarde... Simplesmente, achava que não tinha nada para dizer.»

Para mais, a vida corria, rápida e difícil.

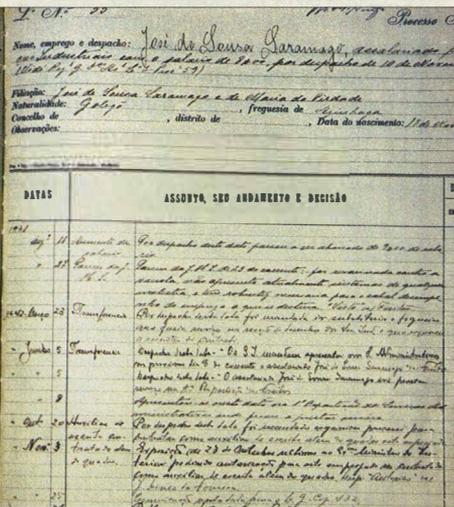
OPERÁRIO, LEITOR

Aos 18 anos, é serralheiro mecânico nos Hospitais Cívicos de Lisboa. Ganha oito escudos por dia, tal como se lê nos registos da instituição, aqui revelados



O PRIMEIRO CASAMENTO

Estamos em 1944. Ao centro, José Saramago e Ilda Reis. Por trás do noivo, estão o pai, José de Sousa, e os avós Josefa e Jerónimo. Ao lado, o casal, com a filha, Violante, em 1950, na praia da Parede



Em 1949, como consequência do seu apoio à campanha eleitoral de Norton de Matos, o candidato da oposição à Presidência da República, Saramago é afastado da Caixa de Abono da Indústria de Cerâmica. Mas, graças a um antigo professor da Escola Afonso Domingues, consegue emprego na Caixa de Previdência do Pessoal da Companhia Indústrias Metálicas Previdente, onde, até 1959, calculará subsídios e pensões.

Na manhã de 25 de Abril de 1974, a revolução encontra «um homem com meia dúzia de livros publicados, mas que não tinham importância por aí além». É o ▶

LEVANTADOS DO CHÃO



ANTÓNIO XAVIER

«O que mais há na terra é paisagem.» Com esta frase se inicia o romance que, publicado em 1980, serviu de detonador do reconhecimento de José Saramago como um grande escritor. A paisagem que ali se refere não é uma qualquer. Em 1976, já determinado a fazer dos livros a sua vida, Saramago deita os olhos pelo País, à procura de um sítio onde possa ir buscar dados para um livro que traz «há 50 anos no ventre», sobre «o trabalho da terra nas raízes, o trabalho da lavra e da ceifa, o esforço e a dor do esforço, o labor pesado e a paga pobre» (*Ler Saramago: O Romance*, Beatriz Berrini, Caminho, 1998). Encontra-o na alentejana Unidade Colectiva de Produção Boa Esperança, na vila do Lavre, perto de Montemor-o-Novo. Durante alguns meses, instala-se pois nesta terra onde a Reforma Agrária conhece os seus dias mais

intensos, e cuja cooperativa, nascida em 1975, tem cerca de 400 homens e mulheres a labutar nos 6 600 hectares de dez herdades ocupadas.

António Joaquim Pinto, 48 anos, um dos 26 trabalhadores que ainda mantêm vivos os actuais 2 200 hectares explorados pela Unidade, já lá andava por essa altura. Hoje, recorda: «Havia muita gente que vinha cá ver o que aqui se passava. Entre ela, apareceu o José Saramago, que se apresentou às pessoas e disse que queria escrever um livro sobre o povo do Lavre. Ainda não era conhecido como escritor e tinha dificuldades económicas, mas como os trabalhadores da Reforma Agrária sempre foram muito acolhedores, a cooperativa decidiu que havia de suportar todas as despesas dele e instalá-lo por cá.» Dito e

MARIANA BAZUGA

«Ele gosta de tudo. menos de favas»

feito. Saramago aloja-se numa dependência da Unidade e passa a tomar as refeições na casa de Mariana Amália, João Bazuga e dos seus sete filhos. Mariana, hoje viúva, 76 anos, conta o resto. «Ele passava a manhã a andar pelos campos e, à hora de almoço, aparecia cansado, cheio de pó. À tarde, ia à sede do PCP, em Montemor, e, ao serão, punha aqui na mesa o gravador e escutava o que dizíamos da fome, dos ricos não darem terreno para cultivar, das histórias da terra. Era um senhor como é hoje: simples, delicado, respeitador, sempre contente.» Do resultado final, Mariana não sabe bem, porque não leu *Levantado do Chão*. Mas podemos dizer-lhe nós que os olhos azuis dos Mau-Tempo, as personagens principais, parecem mesmo tirados da cara de António Joaquim.

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

próprio quem o afirma, referindo-se aos títulos de poesia *Os Poemas Possíveis* (1966) e *Provavelmente Alegria* (1970), e aos registos das suas crónicas e textos de opinião publicados na *Seara Nova*, nos jornais *A Capital* e *Jornal do Fundão* (*A Bagagem do Viajante*, 1973) e *Diário de Lisboa* (*As Opiniões Que o DL Teve*, 1974).

Por insistente sugestão de Isabel da Nóbrega, Saramago é então convidado para, no Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), dependente do Ministério da Educação, coordenar uma equipa de dinamização cultural que integra a própria Isabel (Literatura), Mário Barradas (Teatro), Rui Mário Gonçalves (Artes Plásticas), Vasco Granja (Cinema) e José Ribeiro da

AZINHAGA

A terra natal ficará sempre na memória do escritor. Aqui, com os avós Josefa e Jerónimo



D.R.

Fonte (Música). O escritor ganhava oito contos por mês, e Correia Pinto, então director-geral do organismo, salienta que «era extremamente organizado e eficien-



D.R.

AS FÉRIAS

Nos anos 50, Saramago visita com frequência a pequena plantação dos sogros, situada no Colmeal, serra da Lousã. Entretanto, passeia de barco



D.R.



► A PRIMEIRA SOMA

Em 1970, graças à edição de *Provavelmente Alegria* na Livros Horizonte, dirigida por Rogério de Moura, Saramago recebe o seu primeiro pagamento como autor te». Ainda em 1974, Saramago passará a ser também assessor do Ministério da Comunicação Social.

Desde 1955, o seu nome é conhecido nos meios intelectuais. Empregado na Editorial Estúdios Cor, a convite de Nata- ►

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

niel Costa, durante 16 anos assume a direcção literária desta chancela. Como agora o lembra o desenhador gráfico Luís Correia, 52 anos, filho de um dos sócios da casa (Manuel Correia, já falecido), «Saramago ganha mal, mas faz a revisão de todos os livros, contacta os autores, é incansável».

No meio destas andanças, é convidado para traduzir livros e escrever crónicas, «nas quais já se nota uma mão feliz» (Baptista-Bastos), por vezes de pendor autobiográfico e, na medida do possível, político.

Empenhado na luta contra o regime, em 1969 é convidado, pelo seu amigo Augusto Costa Dias, director da Portugália Editora, para entrar no Partido Comunista Português. O escritor Urbano Tavares Rodrigues, 75 anos, encontra-o depois, na célula intelectual, e descreve: «Bastante exigente e muito crítico, ele era um militante exemplar, muito empenhado, capaz de uma entrega que ultrapassava todas as outras.»

ABANDONADO PELO PCP

No seu percurso como comunista, sempre fiel à ideologia marxista, Saramago não abdicará de manifestar as suas divergências. Assim, em 1988, assina o «documento da Terceira Via», defensor de uma maior abertura interna. Algumas vezes chega a



JOSE ANTONIO RODRIGUES

LUÍS CORREIA

«Quando eu tinha 18 anos, pediu-me emprestada uma das minhas ilustrações. Nessa semana, mandou-me comprar *A Capital*. Lá estava o meu desenho...»

confrontar-se com Álvaro Cunhal. Antes, na sequência do 25 de Novembro de 1975, quando é afastado do cargo de director-adjunto do *Diário de Notícias* (ver caixa), fica desempregado e não encontra qualquer tipo de apoio por parte do PCP, que aparentemente o deixa cair por ter sido demasiado radical ou extremista. Sofre um rude golpe. A ele alude no quinto volume de *Cadernos de Lanzarote*: «O pior de tudo (...) foi aquele dia em que me defrontei com uma fria, gratuita e desapiedada indiferença, vinda precisamente de quem tinha o de-



D.R.

A CASA

Com a mãe, à porta da casa térrea onde nasceu. Pouco depois, ela seria demolida, por causa de «uma história de partilhas e ódio fraterno»



D.R.

O ÚLTIMO AMOR

Aos 66 anos, o escritor casa-se, numa cerimónia íntima, realizada na sua casa de Lisboa, com a jornalista Pilar del Rio, 28 anos mais nova do que ele

ver absoluto de oferecer-me a mão estendida. Sendo, porém, os casos e acasos da vida férteis em contradições, sabe-se lá se a minha vida de escritor não terá começado justamente nessa hora?»

Na verdade, é em 1976, quando todas as portas se lhe fecham, que nasce um novo Saramago, o escritor. Abandona todas as outras profissões, excepto a de tradutor, que mantém, durante alguns anos, na Moraes Editores, dirigida por Nelson de Matos. Após a publicação de mais dois livros de prosa, *O Ano de 1993* (Editorial Futura, 1975) e *Objecto Quase* (Moraes, 1977), e de um «ensaio de romance» (*Manual de Pintura e Caligrafia*, Moraes, 1978), lança-se por fim na escrita de ficção. *Levantado do Chão* (1980, Prémio Internacional Ennio Flaiano e Cidade de Lisboa) marca o primeiro passo do que depois de se institui como «o estilo Saramago». Em 1979, Manuel Dias Carvalho, do Círculo de Leitores, convida-o para elaborar um roteiro de Portugal, que ele transformará no registo livre de

«histórias de um viajante». O livro, *Viagem a Portugal*, muito bem pago pela editora, é um êxito e permite-lhe, enfim, dedicar-se em exclusivo à escrita. A singularidade da sua prosa marcará o resto da sua vida.

POR FIM, FELIZ

No final do almoço, José Saramago entretém-se a colocar, com carinho, pedaços de fruta nas bocas de Pepe, Camões e Greta, os cães da moradia a que chamou A Casa. Tem 75 anos e deixou Portugal há cinco, na sequência do veto do subsecretário de Estado da Cultura da época à candidatura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu. A «terra sua», por via de Pilar, é agora Lanzarote, uma ilha das Canárias há séculos povoada por berberes do Norte de África, quem sabe se por lá andou aquele misterioso bisavô materno...

Das raízes plantadas pela terra e pelas gentes da Azinhaga na alma do escritor, subsiste tudo: tronco, ramos, folhas e ►



D.R.

A FAMÍLIA

Em 1993, na varanda da casa de Lanzarote, Saramago rodeado (no sentido dos ponteiros do relógio) por Pilar, o filho desta, Juan José, o cão Camões, o neto e a neta (Tiago, 14 anos e Ana, 26, engenheira informática), o genro Danilo, e a filha, Violante

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

frutos. No quintal, foram, em 1994, plantados dois marmeleiros com nome de gente, Victor Erice e Antonio López. Na mesa do pequeno almoço surge muitas vezes um pão cozido em forno de lenha, suculento, barrado com azeite e açúcar. Nas montanhas vulcânicas que cercam A Casa, desenha-se o rasto das passadas largas do escritor, andarilho infatigável desde que se sustém nas pernas.

Mas, agora, outra árvore nasceu na vida do escritor. Chama-se, já vimos, Pilar del Rio, tem 48 anos, e, por ela, nos fins-de-semana de finais de 1986, Saramago percorria, de camioneta, os sinuosos caminhos de Lisboa a Sevilha. «Se tivesse morrido aos 63 anos, antes de a conhecer, morreria muito mais velho do que serei quando chegar a minha hora», escreveu. A filha, Violante, acrescenta que Pilar o tornou «mais acessível, mais aberto, mais capaz de derramar os sentimentos e de abandonar a sua habitual atitude de defesa».

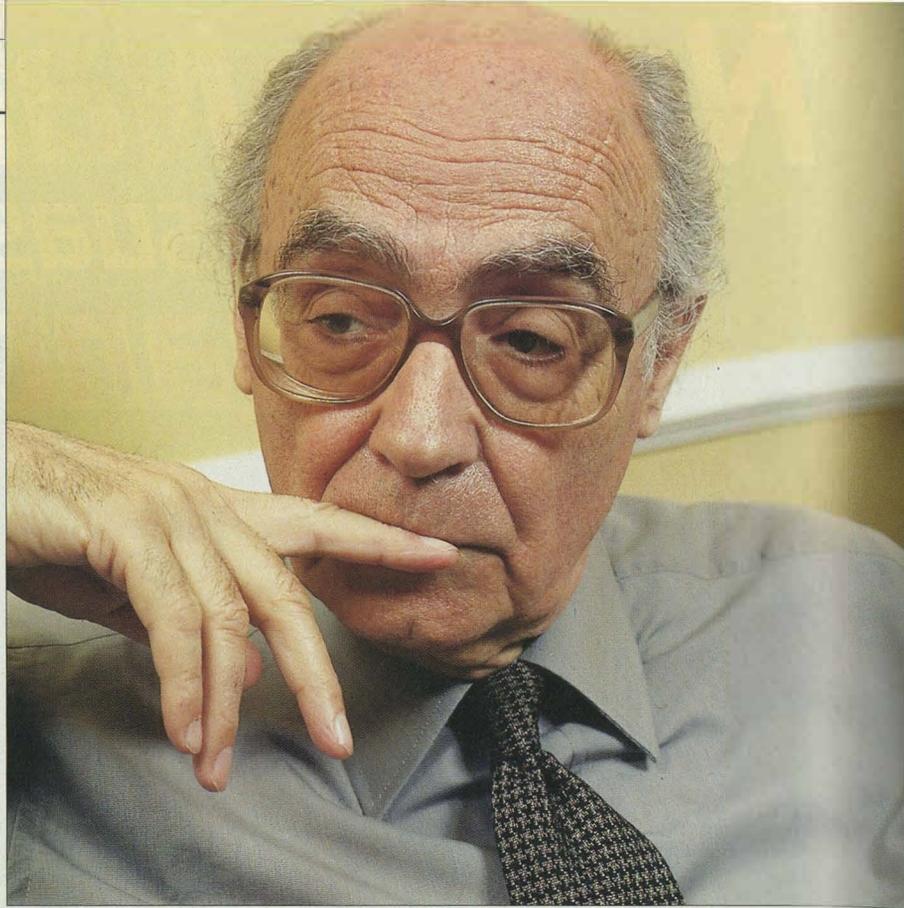


JOSE OLIVEIRA

■ POR CARTA

Do espólio de Saramago já depositado na Biblioteca Nacional, consta parte da sua correspondência, nos anos 60, como editor literário da Estúdios-Cor e amigo de José Rodrigues Miguéis, Adolfo Casais Monteiro e Massaud Moisés. No final de 1968, por exemplo, Miguéis deixa-lhe um conselho: «Mas se o Amor lhe continua propício, não perca tempo! (...) Porque se lamenta? (...) Saúde e força na verga.»

Um mês após o anúncio da atribuição do Prémio Nobel, José Saramago comemora 76 anos de vida. Para a festa, são convocadas todas as personagens que o tornaram célebre no globo inteiro. Blimunda, a do *Memorial do Convento*, que também viria a ser título de ópera num dos mais famosos teatros líricos do mundo, vê-lhe a alma através do corpo. E lê alto uma frase, escrita em 1966: «Que quem se cala quanto me calei, não poderá morrer sem dizer tudo. (*Poemas Possíveis*)» Quanta razão tinha a avó Josefa: mais cedo ou mais tarde, a verdade acaba sempre por vir ao de cima. ■



LUIS VASCONCELOS

ENTREVISTA

‘Sempre me senti sozinho’

Comovido, relembra a infância. Seguro, descreve-se como homem e como escritor

VISÃO: De alguma maneira, idealizou a sua vida?

JOSÉ SARAMAGO: Nunca projectei nada. Passei de uma actividade à outra sem pensar: «Isto serve-me para chegar àquilo...» Nem sequer era uma missão, era ir vivendo cada dia, nas condições de cada dia. Muitas vezes, tratava-se apenas de arranjar o emprego que era preciso, porque eu não podia estar a viver «às sopas da família». Tudo isto tem que ser visto à luz de uma pessoa que vivia num determinado meio social, sem qualquer projecto de vida. Pode custar a acreditar, mas eu nunca tive qualquer ambição.

V: Não é homem de muitas alegrias...

J.S.: Não sou é um homem de muitas exteriorizações. Não exteriorizo facilmente a alegria. Exteriorizo mais a emoção, que, a certa altura, já não é possível conter. A alegria, o contentamento são em mim uma espécie de fogo brando.

V: Controla-se muito, não controla? Brinca muitas vezes consigo próprio?

J.S.: Não me tomo é a sério. Ou melhor, por um lado, eu tomo-me muito, muito a sério. Mas, por outro, sou capaz de uma grande frieza de auto-análise.

V: A sua vida é a de alguém com algumas paixões, algumas amizades, mas que segue o seu caminho, solitário?

J.S.: Desde criança, sempre fui uma pessoa muito, muito solitária. O que não é incompatível com as amizades, os afectos, o amor... Mas eu vivi durante muitos anos com esse sentimento de uma solidão assumida, reflectida, total.

V: Por isso se lê num dos *Cadernos de Lanzarote*: «Não é pequena contradição ser tão pouco dotado de sentimento familiar e ter tanta necessidade da família?»

J.S.: No fundo, isso é um grito da infância. É o sentir-se só na família que se tem. Provavelmente essa é a raiz de muitos dos meus comportamentos de adulto. Talvez por causa do desgosto da morte do meu irmão, a minha mãe como que endureceu nos ►

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

sentimentos. Com seis, sete, oito anos, eu pedia-lhe um beijo e ela não mo dava. Ou dava-mo depois de muita insistência. E a pobre não sabia o mal que me estava a fazer... No fundo, fui uma criança que nunca encaixou.

V.: Pouca coisa na sua vida foi fácil...

J.S.: Mas também não foi difícil. Porque nunca me enfrentei com grandes cometimentos... Sempre me limitei a viver a minha vida tal como era, nunca houve em mim essa impressão de estar a lutar. Tinha só a convicção de estar a viver.

V.: Isso não é contraditório com um Saramago militante, que acredita em certas ideias que lhe são estruturais, que segue sem nunca abdicar?

J.S.: Uma casa não pode negar a trave que a sustenta. Como pessoa, eu sou sustentado por umas quantas ideias que levo na vida. Posso não andar a brandilhas na rua, mas o que conta é o facto de as ter, defender, respeitar.

V.: Aderir ao PCP, em 1969, foi a opção natural para um homem vindo de um meio humilde, sem formação académica e que tem de enfrentar um meio intelectual muito preconceituoso?

J.S.: Acho que sim. E o momento em que me convidaram para entrar no Partido foi um dos mais bonitos da minha vida.

V.: Quais foram os outros?

J.S.: O momento determinante dá-se em 1975, quando perco um trabalho, decido não procurar outro e tentar ver o que realmente posso fazer como escritor. Sem isso, não aconteceria nada do que aconteceu depois. Eu tomei a decisão justa no momento exacto em que ela podia ter efeitos na minha vida. Evidentemente que há outro momento decisivo: quando a Pilar decide vir de Sevilha a Lisboa, para conhecer o autor de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*...

V.: É também em 1975, depois de ser despedido do *Diário de Notícias*, que o PCP o deixa cair. Não o convida para

integrar os quadros de *O Diário*, deixando-o sem saída...

J.S.: Isso é certo. Não o vou negar porque é um facto, embora eu não tenha feito alarde dele. Basta dizer que jornalistas do *Diário de Notícias* que, como eu, se encontraram sem trabalho, foram encontrá-lo no *O Diário*...

V.: No entanto, sempre se manteve fiel ao PCP.

J.S.: Porque a minha fidelidade é às ideias que eu tenho.

V.: Independentemente da sua forma?

J.S.: Sim, embora não possam ser ignoradas as circunstâncias. E eu tenho uma coisa boa, que é uma coisa má: muito boa memória. E não esqueço.

V.: Que retrato faz de si próprio? Há quem o defina como um homem seco, contido, com um grande auto-domínio.

J.S.: Esse é o retrato-robot que fica de um

incrível no plano dos sentimentos. E porque sei que é assim, tenho de contê-la, controlá-la, dominá-la. Por isso, só tenho duas expressões faciais: a da satisfação óbvia ou a da boca cerrada, a de quem passeia pela rua e as pessoas dizem: «Que cara a daquele homem!...»

V.: Quais são os seus defeitos?

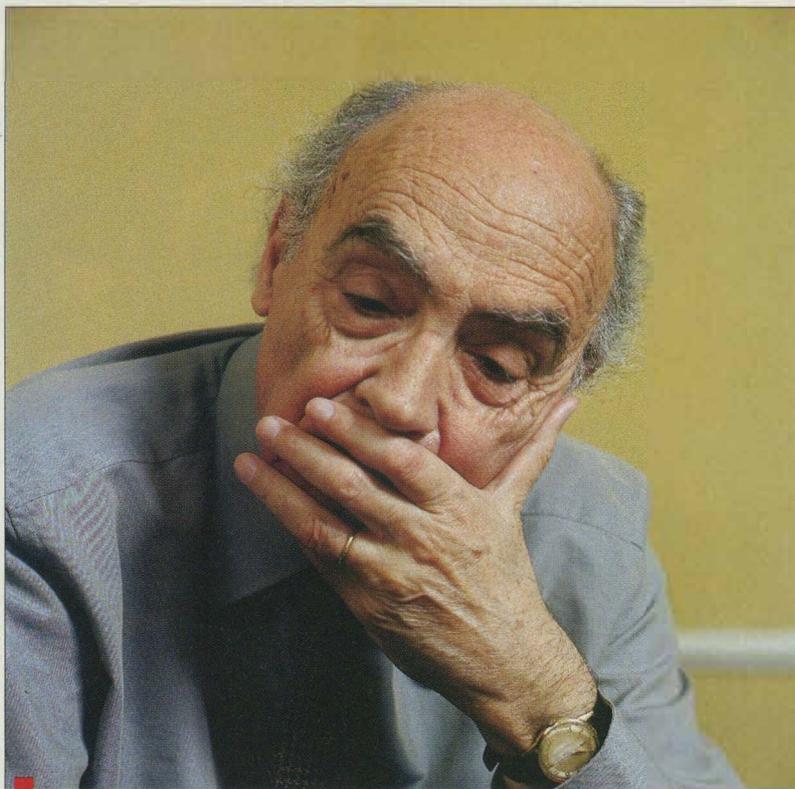
J.S.: Há alguns que eu não tenho e são os que mais facilmente me atribuem.

V.: A vaidade, por exemplo?

J.S.: Não creio que seja vaidoso, embora tenha uma parte de vaidade, como toda a gente. Mas, evidentemente, tenho defeitos. Sou talvez um pouco egoísta; ou, provavelmente, fui e já não sou. Defeitos óbvios, daqueles que saltam à vista e sobretudo que magoam, agridem os outros, creio que não tenho.

V.: E que qualidades?

J.S.: Creio que sou uma pessoa generosa.



UM HOMEM SÓ

«Vivi durante muitos anos com esse sentimento de uma solidão assumida, reflectida, total»

primeiro contacto. Eu diria que sou, ao mesmo tempo, uma pessoa extremamente dura e extremamente frágil. Dura e inteira quando se trata de lutar por valores que, para mim, são fundamentais: a relação que tenho com o mundo, como o vejo, o descrevo, o entendo, como estou em harmonia ou em conflito com ele... De uma fragilidade

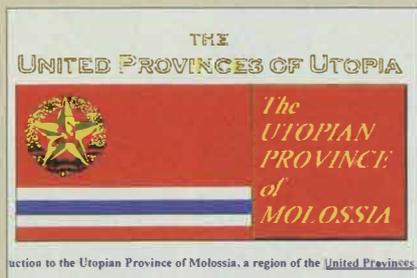
Sei que sou capaz de grandes amizades, sempre poucas. Ao longo da vida, teria gostado de ter grandes amigos, e não os tive quando precisaria deles... Sempre vivi muito isolado. Nunca pertenci a grupos, a tertúlias, a essas coisas estimulantes que ajudam à nossa formação... Lembrome de ter dito numa carta que, há uns quatro anos, escrevi ao Eduardo Lourenço: «Leva em conta que, como escritor, eu sou como os pretos e as mulheres. Tenho que valer duas vezes para ser reconhecido uma.» Se há luta, nem sequer se trata do facto de eu ter lutado para chegar a valer duas vezes e ser reconhecido uma. É antes esta consciência que eu sempre tive: «Meu caro, já sabes, não tenhas nenhuma ilusão, a ti ninguém te aceitará como és. E para que te aceitem valer uma vez só não é suficiente, pode sê-lo para toda a gente, mas não para ti.»

V.: Nesse sentido, o Nobel trouxe-lhe paz?

J.S.: Isto nunca foi uma luta. Foi simplesmente uma verificação.

V.: Mas sempre travou uma luta com a escrita. Acaba um livro, e já está a começar outro... ►

IMAGENS de João Mário Grilo



AGNÈS VARDA

Uma brincadeira na Internet ameaça tomar-se num fenómeno explosivo da vida social interactiva. As micronações estão aí, com as suas liberdades, as suas bandeiras, as suas leis e os seus imperadores

Micromundo

Terá começado talvez por uma brincadeira – um desenvolvimento «natural» dos *news-groups* –, mas a irrupção das nações virtuais no ciberespaço e a constituição de uma espécie de grande planeta virtual é um dos acontecimentos mais interessantes da Internet e um retrato particularmente ajustado dos conteúdos e das implicações sociais, políticas e ideológicas da rede.

Do Império Aelderiano a Zzanduria (que se auto-intitula «a primeira nação democrática da Internet»), são já centenas os países virtuais disponíveis para a cidadania de qualquer cibernauta (a melhor porta de entrada na lista de nações online é oferecida pelo Clinks, em <http://pages.cthome.net/tdecus/patlinks.html>). Há para todos os gostos: impérios (como o «brasileiro» Império da Reunião ou o Novo Império Romano), monarquias constitucionais (a grande maioria), repúblicas federativas, algumas ditaduras e, até, nações especialmente orientadas para a libertação dos «segregados e oprimidos» (caso, por exemplo, da muito divertida Terra dos Pedrados - Stoner Homeland -, comunidade californiana do «Povo do Cannabis») ou devotadas à idolatria de certos prazeres especiais (como Choconia, o país dos fanáticos do chocolate).

Há quem ainda faça disto, essencialmente,

uma brincadeira de amigos em circuito fechado, mas há, também, quem tenha alargado muitíssimo as suas «fronteiras» imaginárias e virtuais, criando territórios com vários milhares de cidadãos espalhados pelos quatro cantos do globo (real), diferentes províncias e partidos políticos, gabinetes ministeriais, moeda própria, imprensa periódica e uma organização política, administrativa e diplomática extremamente complexa (e, imagina-se, muito difícil de manter). Utopia, um país comunista dirigido por Rob Hart (presidente de um soviete supremo de 12 «camaradas»), é, deste ponto de vista, um dos casos mais interessantes e graficamente melhor concebidos, enquanto a República de Lomar, com cerca de 1 600 habitantes, dispõe já de um esquema de planeamento e organização financeira, ambicionando, mesmo, lutar pelo reconhecimento diplomático na ONU (!). Com fronteiras cada vez mais mal definidas entre o real e o virtual, a experiência das micronações configura, no seu pior e no seu melhor, uma outra identidade da vida (micro)democrática, onde, como referiu Fabrice O'Driscoll, do «Instituto Francês de Micropatologia», o voto ainda conta e os cidadãos se podem rever e reconhecer nos valores e nos indivíduos que elegem.

As damas do vento

Esposa do genial documentarista Joris Ivens, Marceline Loridan teve uma importância fundamental na última fase da obra do cineasta, co-assinando, aliás, todos os filmes realizados por ambos (como o derradeiro e maravilhoso *Uma História do Vento*). Mulher com uma vitalidade espantosa, Marceline prepara agora, aos 70 anos, a sua primeira longa-metragem a solo, um filme baseado na sua própria vida e, em particular, na experiência da sua deportação em Auschwitz, aos 15 anos. O

canal Arte difunde, no próximo domingo, pelas 23h, um documentário sobre a cineasta, apelidando-a da «segunda e mais desconhecida metade da lenda Ivens».

Também no Arte, mas no sábado, pelas 22h, Agnès Varda volta a estar em evidência com um fabuloso documentário - *Daguerredétipos* - sobre a vida de um bairro de Paris, à volta da rua Daguerre. Filmado de uma forma muito especial, foi seleccionado para o Óscar do melhor documentário, em 1975.

► A VIDA SEGUNDO SARAMAGO

J.S.: É uma batalha comigo mesmo. Eu sou, com certeza, um dos poucos escritores no mundo que dizem que escrever é um trabalho. Tenho um grande respeito pelo que faço, sei que tem de ser bem feito. Depois, há aquelas coisas que nunca mais se esquecem... Que, no Inverno, os meus avós levassem para a cama os bácoros, porque eles

podiam morrer de frio. Que os levassem para a cama deles, como quem dorme com os próprios filhos... (Estavam a defender o seu ganha-pão, porque cada porco daqueles que morresse era uma perda.) Que, com setenta e tal anos, quando o vão trazer para Lisboa, o meu avô se vá despedir das poucas árvores que tinha no quintal, abraçando-se a cada uma delas e chorando...

Com isto, com a compreensão de expe-

riências como estas, a gente nem precisa de valer duas vezes... E eu não sou nenhum santo, não sou uma pessoa extraordinária. Sou uma pessoa comum, com um certo grau de inteligência, de sensibilidade, de cultura, com um certo talento, um certo jeito para pôr palavras após palavras... Tudo chega quando tem de chegar. No fundo, tudo chega quando tem que chegar. ■

F.M.